

PROSPECÇÃO HISTÓRICA NAS... SERRAS DE EÇA

A obra de Eça que nos propomos sujeitar à prospecção, é o romance *A Cidade e as Serras*. E essa prospecção assume o carácter de uma pesquisa histórica, isto porque, a nosso ver, pode-se com vantagem extrair do livro em questão boa matéria sobre as peculiaridades da vida regional nortenha no Portugal dos fins do século XIX.

Eça, como outros romancistas de oitocentos e novecentos, recolheu, com cuidado, e com igual cuidado vazou, nos livros que escreveu inúmeras informações de natureza social, mas também com interesse para a história das mentalidades e dos usos e costumes, umas respeitantes ao mundo urbano, outras concernentes às zonas rurais. No que ao Douro e Trás-os-Montes diz respeito podemos utilizar, com o necessário espírito crítico, a obra de Camilo, abundantíssima em elementos sobre a região, mas podemos por igual reler Torga ou Aquilino Ribeiro, enquanto biógrafo de Camilo.

Em Aquilino, ou em Camilo Castelo Branco, a pluralidade de tipos e situações deslumbra o estudioso que pretende reviver o passado. Só que, amiúde, ele sente que o escritor afeiçoa ou desfeia pessoas e quadros conforme a sua imaginação, de acordo com o sentido da mensagem estética ou crítica que queria difundir.

Eça, n' *A Cidade e as Serras*, visa, sem dúvida, encomiar o viver campesino e a natureza do Portugal rural e nortenho onde ele próprio nasceu. Mas os dados que utiliza, na obra de arte e de estilo que compôs, são inegavelmente exactos e para mais conjugados com brilho. Graças à disciplina férrea a que se sujeita, Eça tem uma percepção clara e imediata dos elementos objectivos da realidade e

tudo fez para dela nos oferecer uma ideia precisa. Dai um crítico referir a sua «*insubornável probidade realista*», tão cara ao historiador. E nem a circunstancia de *A Cidade e as Serras* constituirem um hino à Natureza e à simplicidade rústica, novo rebento da velha planta do bucolismo lusitano, obsta a que, no romance, haja abundante material, já sobre a civilização urbana e o mundo tecnológico que o desencantava, já sobre o viver serrano e as duras realidades que em si guarda.

Em a *Cidade e as Serras* avulta, de facto, o analista social que o romancista foi, um analista que sabe, como ninguém, recorrer à ironia para mais incisivamente destacar formas gerais de proceder e de sentir. Na prossecução dos seus intentos, sujeita, aliás, a língua portuguesa a uma das mais profundas revoluções que ela sofreu, libertando-a do ritmo oratório, «*unindo as palavras em novos, sóbrios e subtis sistemas expressivos, capazes de insinuar no espírito do leitor ricas complexidades de experiencia psíquica*». Por outro lado, logrou, sem enjeitar o vocabulário barroco, oferecer de Portugal uma presença telúrica, que assume pela medida da universalidade. Essa universalidade, pela variedade de tipos, panoramas, ideais que descreve, ironiza ou encomia sentimo-lo bem em *A Cidade e as Serras*, que começa na hipercivilizada Paris e termina na serra tonificante da má saúde parisiense.

Decorre o romance nos fins do século XIX, quando em Portugal como na Europa se justapõe duas realidades sociais, quando o regime liberal cartista batido já pelos arautos da democracia e do socialismo caminha para o seu termo. Todavia, no aspecto social, justapostas estão heranças do antigo regime, feudo senhorial, e as peculiaridades da sociedade burguesa que veio ao mundo depois da revolução liberal.

O Portugal, de então, aproxima-se dos seis milhões de habitantes, dos quais 17% vivem concentrados em Lisboa e no Porto, cidades de grande peso e reais características urbanas, bem diferentes do resto da nação.

A capital alberga quinhentas mil almas, o Porto duzentas mil, trata-se de um país eminentemente agrícola, com uma industrialização ténue, que as linhas do caminho de ferro acabam de sulcar, facilitando o trânsito de pessoas e mercadorias, suscitando a observação a poetas e outros escritores, de Camilo a Cesário Verde.

Ao começar o século XX, a rica classe burquesa, aliada à «*antiga*

e mais ou menos pura nobreza, governa oligarquicamente» a monarquia, está sujeita à crítica da classe média, maioritária nas cidades principais. Integram este sector, pequenos burgueses, negociantes ou dados à indústria, os membros das profissões liberais e o pequeno funcionalismo público, as baixas patentes do exército, a maioria dos estudantes universitários, alguns pequenos proprietários rurais, a quase totalidade da marinha de guerra.

Empenhados na busca de um lugar ao sol na governação e na direcção económica, imbuídos de ideologias francesas, [este grupo] a classe média era anti-clerical e anti-monárquica, assim como era anti-socialista e nacionalista ferrenha, propagando o sufrágio universal e defendendo uma igualdade maior.

Na base da pirâmide social, nas camadas proletárias havia um pequeno conjunto de socialistas activos, alguns anarquistas, apoiados uns e outros por um punhado de intelectuais. A maioria do operariado era pouco instruída ou analfabeta, a exemplo do vasto mundo dos camponeses, e de certos pequenos proprietários, dispersos por toda a província, submersos em dificuldades, e sujeitos à tutela laico-clerical de caciques e demagogos.

Da classe média sairá o núcleo fundamental dos propagandistas da República, dos autores da primeira constituição republicana, um texto individualista, laico, de prevalência parlamentar, votado em 1911, que estabelece três poderes e duas câmaras, não consagrando o sufrágio universal, e onde as ideias claras são a liberdade, a segurança e a propriedade.

No mundo das *Serras*, na região duriense, que Eça descreve pondo em destaque o *«brilho e inspiração copiosa do divino Artista que fez as gueiras e... tão ricamente as dotou»*, a realidade social e política traduzida pelo romancista, não deixa ainda perceber estas transformações, transformações que a curto prazo originarão a queda da monarquia.

Do ponto de vista político, os antagonistas fulcrais dividem-se, desde a primeira metade do século, entre miguelistas, no romance personificado no fidalgo D. Teotónio, o qual anseia pelo regresso de D. Miguel e os liberais, liderados estes pelo Dr. Avelino, a personalidade mais influente de todo o distrito.

Socialmente a panorâmica aldeã, no Douro de Eça, comporta as famílias dos grandes proprietários, muitas delas de extracção nobre, aliadas aos bachareis, entre os quais pontifica, já o dissemos, o

médico Dr. Avelino que se move à vontade, como é geral, nos círculos aristocráticos e, não está disposto, como a nobreza rural afecta ao regime liberal, a tolerar o regresso do absolutismo.

No plano intermédio, divisamos figuras baças, como o administrador Silveira, o taberneiro Torto, o farmacêutico, um ferreiro, e sobretudo o chefe da estação Pimentinha, que cursara o liceu, em Braga.

Na base estão os caseiros, os cavadores, os moços e os jornaleiros de lavoura. E, entre os *caseiros*, uns estão melhor na vida do que outros. Caseiro próspero parece o da casa senhorial de Tormes, Melchior, homem rotundo, sabido, jovial e respeitador. Caseiro miserável, ele e a família, é o Esgueira, cuja prole Eça mostra famélica e doente.

Ao núcleo dos proprietários pertence o conjunto de famílias que Zé Fernandes de Lorena e Sande reúne no seu solar para apresentar Jacinto, o aristocrata português seu amigo, nado e educado em Paris, de regresso aos seus antigos domínios durienses. É o *«pessoal da serra»*, composto por senhores de quinta e carruagem. Integram-no o chefe miguelista D. Teotónio, os Noronha e Sande, os Cerqueira, os Melo Rebelo, os Rojões, os Albuquerque e o Dr. Avelino, chefe incontestado dos liberais.

Todos possuem teres e haveres, carruagem e cavalos, linhagem ou carta de curso, enfim, poder, na àrea local.

Do mundo dos camponeses pobres, que servem, é filho o Esgueira, cuja miséria Eça personifica numa criança tímida, maltrapilha, curiosa, rebento do dito Esgueira e semelhante a tantas outras que para mal nosso, ainda há.

Era *«um rapazito muito rotinho, muito magrinho, com uma carita miúda, toda amarela sob a porcaria, e onde dois olhos, pretos se arregalavam... com vago pasmo e vago medo»*. De olhar triste, chupava o dedo e vivia mal comido, enfezado, pois quando em casa havia pão era *«para todo o rancho»*. Ao rancho pertencia a irmã *«moça muito alta, escura e suja, com uns tristes olhos pisados»*.

A mãe de ambos jazia acamada, algures no chão, malzinha, com doença desconhecida, porventura, com as bexigas, moléstia terminal cuja propagação se temia e a todos afastava dos enfermos.

Olhando este quadro pode julgar-se que Eça simplifica. Mas este era o contexto social aldeão onde despontava, preludiando a classe média, o chefe da estação, proveniente do liceu, a escola liberal.

O contexto social, como é de tradição, reflecte-se na habitação, no teor alimentar, nos eventos de cada dia, conforme Eça deixa perceber com nitidez.

Sobranceiro, ao outeiro, ficava o solar de Adrião Cerqueira; a sua longa fachada, com dois torreões quadrados, possuía janelas emolduradas, em azulejo, a testemunhar qualidade e requinte fidalgo.

Uma avenida de faias dava acesso ao casarão senhorial de Jacinto, cujo portão ostentava um *«brasão de armas, de secular granito»*. No interior, os tectos de carvalho velho apainelado cobriam salões vastos, regelados, com a sonoridade das casas capitulares. As janelas conservavam maciças portadas com trancas, para defender o interior da luz, do frio, dos ladrões.

Tudo era grande, imponente, dominador, mesmo quando frugal.

Os quintais, as hortas, os laranjais, como por exemplo, o quintal do domínio de flôr de Malva, com os seus tanques, as suas águas e as suas flores, mereciam tratamento de primor, a denotar a fisionomia do dono. Ao lado das curiosidades hortícolas e das vinhas, floresciam no tempo próprio débeis camélias.

Escreve Eça pela voz do Zé Fernandes:

«Passámos pela horta, uma horta ajardinada... com os seus talhões debuxados de alfazema e madressilva enroscada nos pilares de pedra, que faziam ruazinhas frescas, toldadas de parra de uva».

De um e outro lado da capela, crescia, na mesma quinta da Flôr de Malva, uma roseira chá. A antecâmara solarenga, a que se subia por uma escadaria de pedra, possuía, ela também altos tectos apainelados; largos bancos armoriados povoavam-lhe o espaço.

Na casa das tias do Zé Fernandes, o quarto de hóspedes possuía dois vasos da China sobre a cómoda e uma cama onde em dias festivos se estendia uma das colchas da Índia do bragal familiar, «côr de canário com grandes aves de ouro».

Aqui ou acolá, Eça alude a costumes curiosos. Nos velhos solares cerraram-se, pela metade, as portadas e borrifaram-se os soalhos para amenizar os calores do Verão. Para o asseio dos donos, a água era fervida em panelões que as criadas levavam até aos quartos. A iluminação tinha por base castiçais e candelabros entre os senhores e candeias, nas casas dos pobres, como até há pouco acontecia.

Este o ambiente dos solares dignos, dos fidalgos serranos civilizados, este o amanhã das zonas envolventes das casas, terrenos e

capelas durienses, cujos amos pregavam o bom viver, mau grado a rusticidade e o ensimesmamento dos lugares.

Qual o cenário existencial, qual a côm predominante nos casebres da *Serra*, onde havia fome e onde porventura Jacinto chegara a imaginar, seduzido pela Natureza, que o Paraíso se tinha perpetuado, sem trabalho e sem miséria?

«Como todos os casebres da serra, o do Esgueira era de grossa pedra solta, sem rebôco, com um vago talhado, de telha musgosa e negra, um postigo no alto e a rude porta que servia para o ar, para a luz, para o fumo, e para a gente».

O interior, comum a tantas casas que conheci, em dia de chuva, ninguém melhor que Eça os descreve. Um etnógrafo ficaria, decerto, áquem por falta de estilo, que não de observação e medidas.

Quem nele entrasse, diz o romancista, deparava com *«um chão de terra batida»*, onde *«uma mancha húmida reluzia, da chuva pingada de uma telha rota. A parede, coberta de fuligem, das longas lumaraças da lareira, era tão negra como o chão. E aquela penumbra suja parecia atulhada, numa desordem escura, de trapos, de cacos, de restos e coisas, onde só mostravam forma compreensível uma arca de pau negro e, por cima, pendurado de um prego, entre uma serra e uma candeia, um grsso saiote escarlate».*

Fora, em redor, continua Eça, a *«Natureza e o trabalho tinham, através dos anos acumulado ali trepadeiras e flores silvestres, e cantinhos de horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roídos de musgo, e panelas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes e videiras enforcadas nos olmos, e sombras e charcos espalhados, que tornavam deliciosa pra uma Écloga, aquela morada da Fome, da Doença e da Tristeza».* Assim era, na verdade, pois a beleza envolvente não atenuava as forças do mal, posto que na serra, como noutra passo se diz, a solidão dos desprotegidos não fosse tão notória como nas grandes urbes civilizadas, comerciais, bancárias, dadas à indústria. Os senhores, os abades bondosos pensavam nos pobres e ajudavam-nos, envolviam-nos em caridade, uma caridade filha do Evangelho que a civilização materialista da urbe tendia a esquecer, passando ao Estado e às instituições por decreto beneficentes, insuficientes cuidados da assistência.

A par dos caseiros pequenos, figuravam outros mais bem instalados, tal o caso do Melchior, que utilizou o solar abandonado de

Tormes, frio, incómodo, quasi sem trastes. Melhor, mediana, digamos, visiona-se a casa do administrador Silveira. Este vivia em instalação capaz na aldeia; atribuem-lhe a posse de camas de ferro e lavatórios, ou seja de índices de comodidade e suficiência, além do comum.

Como era o solar abandonado do caseiro Melchior?

Na mansão ao dispôr de Melchior, ausentes os amos, a cozinha era «imensa» com «*uma massa de formas negras, madeira negra, pedra negra*», com «*densos negrumes de fuligem secular*». «*E neste negrume refulgia a um canto, sobre o chão de terra negra, a fogueira vermelha, lambendo tachos e panelas de ferro, despindo uma fumarada que fugia pela grade aberta no muro, depois por entre a folhagem dos limoeiros. Na enorme lareira... desaproveitada pela frugalidade dos caseiros, negrejava um poirento montão de cestos e ferramentas, e a claridade toda entrava por uma porta de castanho sobre um quintalejo rústico*». Era uma cozinha como são ainda agora as das velhas casas que se não modernizam.

«*Tenebroso, de lages ásperas, era um dos corredores da casa, atravancado por profundas arcas, capazes de guardar todo o grão de uma província*». No exterior havia um terreiro, retalho da horta. Aqui vicejava o repolho, o feijoal, talhões de alface, gordas folhas de abóbora.

Mais além, «*uma eira, velha e mal alisada dominava, o vale, de onde já subia ternamente a névoa de algum fundo ribeiro. Em diverso ponto ficava o laranjal. A fechar a horta, grossas rochas encabeladas de verdura, com socalcos de centeio*».

Enfim, um mundo rústico, como rústica era a animação da cozinha na altura de jantar melhorado, no caso o jantar do patrão, chegado de surpresa. «*Em roda do lume um bando alvoroçado de mulheres depena frangos, remexe as caçarolas, com um fervor afogueado e pelveiro*».

A sala melhor, onde se podiam comer os petiscos da aldeia, não primava pelo conforto, não obstante a sua grandeza. Era nua e meio abandonada, como tantas salas de casas senhoriais desabitadas. «*Na mesa, encostada ao muro enegrecido pelo fumo das candeias, sobre uma toalha de estopo, duas velas de rabo, em castiçais de lata alumiam grossos pratos de louça amarela, ladeados por colheres de estanho e garfos de ferro. Os copos, de um vidro espesso, conservavam a sombra roxa do vinho que neles passara em fartos*

anos, da festa da vindima. Havia também a mala de barro, atestada de azeitonas pretas. Espetado na Côdea de um imenso pão reluzia um imenso facalbão». Um quadro típico em vias de desaparecimento

Esta a ambiência do refeitório improvisado, aquele, o já notado o cenário da cozinha.

Na descrição dos quadros, nos apontamentos sobre os aposentos sua decoração e estado, sobre as alfaias, reluz um extremo realismo a que o estilo dá vida e côr.

A mesma precisão divisamos na referência às ementas rurais e às ementas fidalgas.

O arroz de favas, o caldo de galinha, o cabrito no espeto, e o frango no espeto, com salada sabiam-no fazer as moças da lavoura, embora o manjar acessível fosse apenas o arroz de favas comido, nos pratos amarelos de louça de Barcelos, pelos cavadores da serra.

À mesa dos fidalgos usava-se canja com massa, cabidela, bifes de cebolada, arroz de forno algumas vezes, sável quando o havia e a truta. Peixe do mar, só o bacalhau e a pescada salgada, que não servia em refeições finas, quando havia pudim, doce de ovos, compota de pêssego e ginja, arroz doce com canela, sopa dourada, etc. Eram doces que as fidalgas sabiam fazer e em que primavam.

A casa, com teres e haveres, o cuidado posto no amanho da terra, a qualidade da mesa, a forma de transporte conveniente definem omnimodas formas do viver senhorial. Os mais abastados dispunham de traquitanas e carroções, usavam vitórias e caleches, tinham cavalos e cocheiros. Neste mundo, a par do cavalo, do jumento, do carroção puxado pelos bois, insinuam-se os comboios que paravam em amáveis estações, por Eça descritas em tom risinho. *«Nelas aparecia o chefe da estação que tratava dos trens, velava pelos carris e pelas mercadorias, pelas passagens e sobretudo pelo cumprimento dos horários. Nos vagões, Douro acima, Douro abaixo, circulavam os que podiam pagar o bibete e bem assim, os barris, cestos de vime, latas de azeite, baús»*.

Os mais pobres andavam a pé, como outrora.

Quando em trânsito, os cavaleiros gostavam de se refrescar; senhores e plebeus procuravam as tabernas famosas pela boa pinga, pelos bons refrescos. Zé Fernandes leva Jacinto à Taberna do Torto *«por causa daquele vinbinho branco, que sempre quando*

por ali a levo a minha alma me pede», diz. Tratar-se de um «costumezinho antigo» que o obrigava a provar o nectar «delicioso, limpo e dourado» servido pelo Torto e que merecia um «estalinho de alto apreço».

As colheitas e as lavras, as festas religiosas, a caça e a pesca, enfim a fruição do lazer, o comando das operações rurais comandavam o viver campesino. Em cada semana a missa dominical assinala a marcha do tempo e a necessidade de transcender o quotidiano.

Zé Fernandes, como outros proprietários, passava o ano tomando conta das suas terras, «*crestando ao sol das eiras, caçando a perdiz nos matos geados, rachando a melancia fresca na poeira dos arraiais, arranchando a magustos, sarandando candeia, atiçando fogueiras de S. João, enfeitando presépios de Natal*».

Uma vez por outra jogava-se ao gamão e a outros jogos, depois de lautos jantares. Celebrações havia-as em aniversários, casamentos e baptizados, por ocasião de bailes e outros acontecimentos extraordinários.

A contrastar com os folguedos, surgiam os vendavais e as calamidades da natureza, as doenças, os resfriados, as epidemias, sempre muito temidas, a par das enfermidades comuns. A morte espreitava os homens, mas dela não fala Eça. Um apontamento sobre cerimónias fúnebres constatam do livro. E a trasladação dos ossos dos Jacintos antigos.

«Cedo, por uma manhã, levemente enevoada, os oito caixões pequeninos, cobertos de um veludo vermelho mais de festa que de funeral com molhos de rosas espalhadas, contendo cada um o seu montezinho de ossos incertos, saíram aos ombros dos coveiros de Tormes e dos moços da quinta, da Igreja de S. José, cujo sino leve tangia, na enevoada doçura da manhã – quanto fina e levemente! – como pia um passarinho triste. Adiante, um airoso moço de sobrepelez, erguia com zelo a velha cruz prateada, abrigando o pescoço sob um imenso lenço de rapé, de quadrados azuis, o velho e corcovado sacristão segurava pensativamente a caldeirinha de água benta, e o bom abade de S. José, com os dedos entre o breviário fechado, movia os lábios, numa lenta, murmurada reza, que ia, pelo doce ar, espalhando mais doçura. Logo atrás do último cofre, o mais pequenino, o da caveirinha pequena, Jacinto caminhava; e eu, a estalar dentro de um fato preto de Jacinto, tirado à pressa de uma das malas de Paris quando, de manhã, já tarde para mandar

Guiães, me lembrei que toda a minha roupa era de cores festivas e pastoris.

Depois marchava o Silvério, soleníssimo, com um imenso peitilho, onde as barbas imensas se alastravam negríssimas. De casaca, com o grosso beijo descaído todo ele por aquela melancolia de enterro que se juntava à melancolia da serra, o Grilo enfiava no braço a sua coroa, enorme de rosas e de beras. Por fim segui o Melchior, entre um rancho de mulheres, que, sumidas na sombra dos lenços preos, desafiando longos rosários, rosnavam surdas avé-marias, através de espaçados suspiros, tão doridos como se inconsoladamente lhes doesse a perda daqueles Jacintos. Assim, pelas várzeas entrecorridas de regueiros, lenta nos recostos dos matos, escorregando mais rápida, pelos córregos pedregosos, seguia a procissão, sempre com a cruz adiante, alta e prateada, rebrilhando por vezes num breve raioinbo de Sol que, vagarosamente, surdia da névoa desfeita. Ramos baixos de lódão ou de salgueiro passavam uma derradeira carícia sobre o veludo dos caixões.

... Na capelinha, nova, dominando o vale da Carriça, solitária e muito nua, no meio de um adro, ainda mal alisado, sem uma verdura de relva, uma frescura de arbusto, dois moços seguravam à porta molhos de tochas, que o Silvério distribui, a passos graves, com cortesias, soleníssimo. Dentro as curtas chamas mal luziam, mal derramavam a sua amarelidão triste, esbatidas na reluzente brancura dos muros estucados, na jovial claridade que caía das altas vidraças bem polidas. Em torno dos esquifes, pousados sobre bancos, que pesados veludilhos recobriam, o abade murmurava um suave latim, enquanto ao fundo as mulheres, sumidas na sombra dos seus negros lenços, gemiam améns agudos, abafavam um respeitoso soluço. Depois, tomando levemente o hissope, ainda o bom abade aspergiu, para uma derradeira purificação, os incertos ossos dos incertos Jacintos. E todos desfilámos por diante do meu Príncipe, timidamente encostado à ombreira, com o Silvério ao lado esmagando contra o peitilho as barbas imensas, a face descaída, cerradas as pálpebras como contendo lágrimas».

Quando da doença dos animais recorria-se ao ferrador. Quando se tratava de gente cristã ao médico. Como ainda ao ervanário e de um ervanário santo, o tio João Torrado, fala Eça, traçando-lhe uma singular figura de visionário. animado por crenças sebastiânicas, predições e avaliações sobre os homens de então e suas facetas.

Entre estes, Torrado faz avultar o pai dos pobres, Jacinto. Considera-o um verdadeiro homem porque cuida da gente da Serra e deseja melhorar o seu teor de vida, tudo fazendo para o conseguir. XXX

Como senhor rural, Jacinto começa por ser um visionário que, afinal, apoiado pela esposa, se transforma num reformador moderno.

Inspirado, vê espaços para prados imensos a povoar por rebanhos de carneiros brancos e para *«abrigar esses gados ricos, construiria currais perfeitos, de uma arquitectura leve e útil, toda em ferro e vidro, fundamento varridos pelo ar, largamente levados pela água»*. XXX

Contra os seus sonhos, reagia Melchior apontando risonhamente dificuldades, Silvério manifestando fundo pasmo e inércia. No fundo, o hipercivilizado Jacinto sentia a necessidade de vencer o marasmo da agricultura tradicional tarefa a realizar com realismo e querer, por todos infundamente adiada. Para o fazer precisava de conhecer bem os costumes tradicionais, lograr a sua transformação para responder às necessidades de hoje. Eis por que pensei nesta prospecção histórica que põe em confronto as realidades da área duriense e a utopia. Pois, uma e outra devem ser consideradas à luz das exigências actuais em ordem a resolver o que precisa de o ser.

Luís A. de Oliveira Ramos